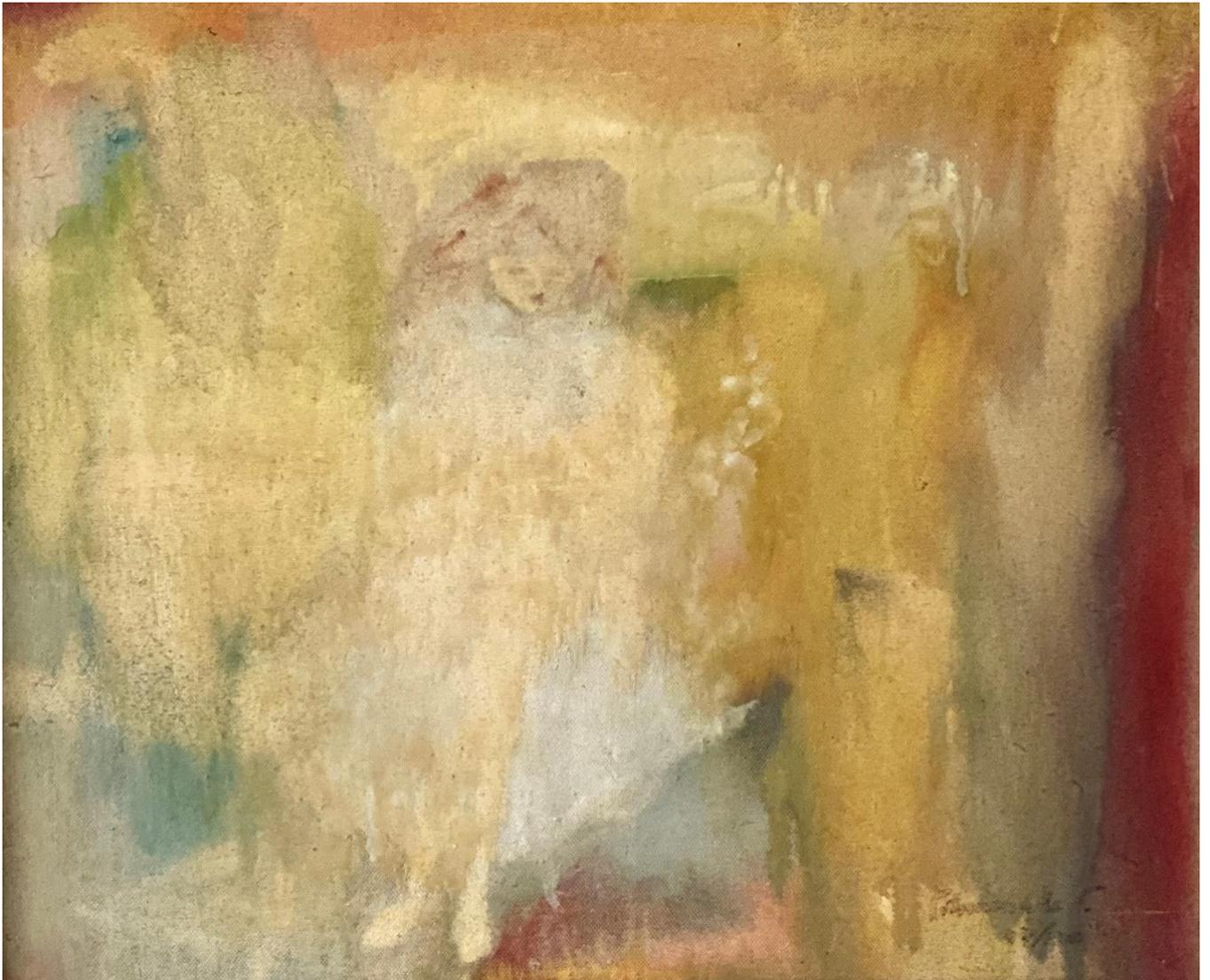


ANTIGAMENTE, NA PRIMAVERA





Óleo s/ tela 38 x 45 cm – 1989



Sentiu primeiro um leve cheiro a perfume. Um perfume floral, fresco, a fazer lembrar o cristal; nada doce, quente ou pesado. Decididamente floral, como um soneto simples e feliz encontrado na gaveta de uma papelreira antiga, num dia de Primavera.

Na sua juventude, ela escrevia poemas que guardava aqui e ali ou deixava entre as páginas de um livro.

Queria recolher o sol e as flores amarelas que cobriam o chão em redor. Neles fazia rimar flor com valor e amor, sol com girassol e si bemol. Queria fazer perpetuar os murmúrios misteriosos que ouvia à sua volta, o tempo que mudava a cada minuto que passava, a calma e a agitação que o mundo em torno dela lhe trazia.

Trilhara caminhos, cruzara atalhos, percorrera estradas, nem sempre sabendo se chegaria onde queria. Alturas houvera em que nada fora fácil, momentos em que teria voltado atrás, talvez até desistido, se não fosse o facto de saber que as lágrimas também fazem bem à alma.

Quando as horas paravam no tempo, ela detinha-se, também, mas deixava que o pensamento se soltasse. Quase sempre tudo acabava num poema que começava na sombra e acabava na luz.

Se calhar, porque nunca quisera verdadeiramente fugir da vida; encarava-a ora chorando, ora rindo ou sorrindo, sempre que saía dela própria e se entregava ao ritmo do percurso desconhecido, por cumprir.

Quem é que, um dia, restituiria aos dias aquilo que ela ia escrevendo e deixando por onde passava? Uma filha, uma neta, um qualquer desconhecido?

Decididamente, pensou, a Primavera era amiga de revelações. Apeteceu-lhe, naquele momento, segurar os raios de sol que espreitavam por entre as nuvens e deixar escrito, para que alguém soubesse que ela tinha descoberto que nenhum caminho tem retorno, que as distâncias podem não existir dentro das nossas cabeças, que o arco-íris tem as cores que quisermos ver nele, porque o rio de lágrimas que brotam de uma tristeza profunda acaba, inevitavelmente, por desaguar num oceano que, de revolto, pode transformar-se em bonançoso.

Era isto a Primavera. Um tempo de perfumes, muitos, de palavras novas, de esperanças, às vezes ténues, mas presentes. A Primavera trazia-lhe lembranças musicais. Notas soltas nas quais mergulhava num enleio de palavras que as traduziam, porque para ela era mais fácil.

Ah! Como tudo era mais fácil na sua juventude. Que saudade das ilusões que já não guardava; que saudade do tempo em que, inquieta, encarava cada nova experiência com avidez; que saudade da filosofia atenta,

sempre interrogativa, abrindo-lhe mil portas ao mesmo tempo, simplesmente porque ainda não conhecia...ainda não sabia...

Mas, afinal, a Primavera regressava em cada ano, e, apesar dos anos que tanto lhe pareciam poucos, como pesados, voltava sempre. O sol, as flores, o mistério que pressentia nos murmúrios que ainda ouvia, de vez em quando, os ritmos oscilantes do mundo em torno de si, não podiam deixar de estar presentes na sua vida. Ela continuava ali, no meio deles. Tinha havido uma altura, seguramente, em que o turbilhão dos seus pensamentos se tinha deixado substituir pela afirmação da caminhada. Mas, se ainda havia caminho a percorrer, porquê a saudade que magoava, porquê a melancolia?

Ali estava, de novo, a Primavera; ali estava, de novo, o tempo da sua juventude. Pegou na caneta e escreveu:

Sentiu primeiro um leve cheiro a perfume...

P.S. Ah! O encanto e a leveza de Mozart, no belíssimo trecho que tanto gosto de ouvir – a Fantasia em dó menor (K397).